

## TRABALHO FEVEREIRO 2020

Gabriela Salazar Canelos

Quito, Equador

### **Patriarcado, feminilidade e simbolização nos ritos de iniciação**

"A fronteira entre natureza e cultura exige sagazes equilibristas, entre aqueles que assinam o mandato de natureza biológica e aqueles que postulam a liberdade ilimitada da produção simbólica" Viñar pág. 79

#### **Resumo do trabalho:**

Este trabalho procura revisar a importância dos ritos iniciáticos como atos públicos e sociais que geram efeitos de simbolização e marcas no Sujeito, seus vínculos e imaginários sociais.

A eliminação de alguns desses ritos, após uma crítica pertinente e necessária do patriarcado e seus efeitos, embora tenha permitido uma mudança na posição em que sobretudo as mulheres costumavam ser situadas - como um Ser na possibilidade de serem possuídas por um homem ou pelo masculino - deixou certas consequências e vazios.

A necessidade de desenvolver o conceito de feminino, não em oposição ao masculino, é um trabalho ainda pendente; como é, ser capaz de criar novos ritos que dêem conta de um lugar simbólico com a riqueza que isso gera a partir da criatividade e novidade que o social pode oferecer a todo Sujeito.

Para tanto, serão revisados conceitos de feminino de Marian Alizade, Luce Irigaray e posições a respeito do mal estar do Sujeito no mundo contemporâneo a partir da visão de Marcelo Viñar.

Em alguns países da América Latina, há um momento festivo, um ritual de iniciação para as mulheres, chamado "festa de quinze anos". Este ato é cheio de simbolismo. Para algumas famílias, é a festa mais importante, um prelúdio para a festa de casamento, que geralmente é a segunda mais importante para famílias com filhas do sexo feminino. A festa em sua versão clássica consiste em uma troca de calçados. Nesse dia, a menina começa a usar salto alto (calçado reservado desde a infância para mulheres "grandes"); por outro lado, recebe um anel da mãe, que vai usar até o momento em que for substituído pelo anel de noivado e casamento. Em relação a esse posicionamento da feminilidade como espaço de predisposição a ser escolhida como casal e futura mãe, alinham-se outros tipos de situações que giram em torno do mesmo tópico. A transição de menina para mulher.

Atualmente, em meados do século XXI, muitos de nós ficamos impressionados com o fato de uma menina de 15 anos ser considerada um Sujeito que estaria pronto para deixar a infância e começar a adolescência com uma idéia de temporalidade na qual, aparentemente, ele já teria a liberdade e a aprovação da família para iniciar uma busca por um parceiro estável com vista a um casamento ou, na falta disso, dependendo da família, para capacitar ou permitir o início da busca por um parceiro sexual. Talvez para muitas famílias esse ato esteja longe de incitar a busca de um casamento precoce, no entanto, marca um antes e um depois no olhar sobre a sexualidade feminina. Nessas festas, não faltam lágrimas dos familiares, a dor do pai que vive uma experiência imaginária na qual ele deveria deixar sua filha ir para que ela pudesse encontrar outro homem com quem pudesse compartilhar sua vida sexual e emocional. É um ato de iniciação, que envolve um luto importante.

As "quinceaneras" são um ritual de iniciação com uma clara herança patriarcal que permite pensar sobre o lugar que foi dado às mulheres. Existem várias situações questionáveis quanto à temporalidade em que é realizada e à posição feminina em que a jovem adolescente é colocada na frente de seus pares e pais. Sempre "é situada" "é escolhida", "pertence a".

Luce Irigaray (2009) escreve algo que se relaciona com o que acabei de descrever:

*“Da mulher e do seu prazer, nada é dito nada nessa concepção do relacionamento sexual. Seu destino seria o de "falta", "atrofia" (do sexo) e "inveja do pênis" como o único sexo reconhecido como valioso. Assim, tentaria se apropriar-se de todos os meios: através de seu amor um tanto servil pelo pai-marido que poderia lhe dar; pelo desejo de um filho-pênis, de preferência um menino / pelo acesso aos valores culturais do direito ainda reservados exclusivamente aos homens e pela mesma razão sempre masculinos, etc. A mulher não viveria seu desejo, mas esperaria até finalmente possuir um equivalente do sexo masculino”.*

As críticas que podem ser feitas a esta festividade podem nos levar a uma interminável queixa e questionamento, no entanto, dentro desse ato, existe um espaço simbólico, ao qual quero me referir e parar para refletir, devido à riqueza simbólica: A adolescente escolhe 15 pessoas que tiveram um significado emocional em sua vida, cada uma delas com uma vela no centro da festa e fala na frente de todos os convidados sobre o lugar que essa garota teve em sua vida desde o nascimento, a importância do vínculo construído, as memórias das trocas e que eles saibam as emoções que esse relacionamento desperta, bem como o lugar que essa menina obteve na vida da pessoa. É, sem dúvida, um momento cheio de emoção e muitos sentidos significativos.

Embora seja verdade que tentar dar a uma adolescente o lugar de mulher, pronta e preparada para ser uma esposa e até uma mãe com 15 anos, não seja apenas fora de lugar em nosso tempo, também reforça a idéia das enormes complicações que isso causou em sociedades de herança predominantemente patriarcal, onde o patriarcado ocupa um lugar preponderante e no qual

não poucas meninas, de fato, se casam aos 15 anos e formam um casamento com as poucas ferramentas emocionais e experiências que uma jovem pode ter nessa idade.

Ao questionar esse tipo de rito, os lugares socialmente designados para o feminino como espaços limitantes, ligados à maternidade como virtude máxima, ligados a um casal carinhoso e abnegado, levaram à abolição de não poucos, muitos ritos simbólicos. Hoje em dia é difícil encontrar mulheres e também homens que concordem em fazer um "pedido de mão", "fazer um casamento antes da convivência", um "batismo", tudo isso tem uma boa razão de ser e causou movimentos importantes não apenas sociais, mas individuais e de vínculo, que promovem a liberdade, deixando certas tradições de lado.

Volto à importância e à função dos ritos iniciáticos como atos sociais que os tornam um "a priori" da possibilidade de qualquer mudança ou possível transformação transicional uma vez que fornecem um cenário próprio para isso, como enfatizou Bordieu ou Levy Strauss, entre outros trabalhos antropológicos que enfatizam sua importância.

O que me parece importante enfatizar é que, embora tenhamos deixado de lado alguns ritos em que emoções, anseios poderiam ser expressos em palavras, eles marcaram um antes e um depois, especialmente por serem atos sociais, públicos e compartilhados. Nós os deixamos de lado, no entanto, acredito que cometemos a imprudência de não nos determos na necessidade de criar novos, outros espaços que possam substituir os anteriores. A necessidade humana de ter espaços simbólicos nos afasta da invisibilidade e não da solidão. Sendo invisíveis, estamos mais do lado da desolação do que da solidão.

Marcelo Viñar (2019) aponta precisamente:

*“A crise ou a ausência de espaços coletivos de afiliação e pertencimento sólidos e duráveis promoveram o surgimento de várias tribos urbanas e o ressurgimento de religiões animistas ou sincréticas, que oferecem um abrigo protético para o sujeito em solidão, cansado de não ser ninguém para ninguém”.*

Os dias atuais marcam exigências e lugares de onde algumas pessoas, principalmente jovens e mulheres, por meio de movimentos feministas e desde outros espaços de pensamento, tentam sair. Nos preocupamos em libertar, sair, deixando espaços culturalmente atribuídos que nos colocavam de modo passivo na posição de objeto mais do que sujeito, que anulavam desejos, desconheciam uma existência diferente de construções sociais anteriores, verticais e hegemônicas que não podiam ver a mulher como um Sujeito além de sua função dentro de uma sociedade que em grande medida foi construída desde certos privilégios masculinos e submissões femininas.

Viñar (2019) comenta *“igualdade de gênero não é sinônimo de unissex. Uma coisa é afirmar igualdade de direitos e oportunidades e outra, diferente, é uniformizar sensibilidades.”*

O valor do feminino deve ser repensado a partir de sua própria posição particular, não em oposição ao masculino. Não é tarefa fácil, levará tempo, experiências e reflexão para

construir novos conceitos sobre o feminino, que se afastam do passivo, masoquista, não fálico, como situação e visão pejorativas do feminino.

Marian Alizade (2008) escreve o seguinte:

*"Aquele que, tendo largamente despojado de sua posição fálica, conquistou a ordem do feminino, consegue apreender uma nova visão de mundo da existência humana. Ele obtém acesso a um conhecimento gradualmente consciente de uma natureza diferente: se detém no pequeno, consegue admirar o espetáculo do insignificante e experimenta certa alegria na incorporação e realização da simbolização no feminino. Esta remete definitivamente à multiplicidade, aos polimorfismos, às transformações da carne, aos vários movimentos de sua psicossensualidade. A cultura da possessão (Aulullol 1993) é seguida por uma "cultura da relatividade" ou "cultura do genuíno". O símbolo princeps do nada faz valer seus efeitos na psique e ganha força simbólica no universo vital de ser feminizado".*

De que maneira podemos nos colocar homens e mulheres de uma posição diferente, que destaca o poder criativo e não situa as mulheres em sua aparente eterna luta e frustração pela inveja do pênis?

O conceito chamado "maternização intrapsíquica", desenvolvido por Mariam Alizade, me leva a pensar infalivelmente na possibilidade de que cada ser humano tem de desenvolver, em um determinado momento de sua vida, uma maternagem própria. Estou pensando no conceito de Winnicott de mãe suficientemente boa, embora esse conceito carregue a presença infalível do outro; a possibilidade do ser humano, com a experiência e maturidade que somente os anos podem oferecer, ser capaz de realizar uma maternagem própria e interna, com uma mãe suficientemente boa, disponível, receptora, contenedora, estável, presente para si mesmo.

Não quero dizer com isso que a relação com o outro deixe de ser necessária no mais mínimo, mas será necessária, crítica e enriquecedora, enquanto coexistir com a possibilidade de auto-afirmação de si mesmo, de entrega e de contenção interna. .

Renunciar o patriarcado tem sido necessário, mas hoje tão necessário é criar novos vínculos que, longe da rivalidade, do interesse em demonstrar poder, nos permitam conviver, coexistir entre mulheres, entre homens e mulheres, entre humanos e demais seres vivos.

A sociedade deve proporcionar espaços humanizantes e simbólicos, as cidades desde suas propostas culturais esperançosamente democráticas, as escolas, as famílias; seria ideal se pudessem coexistir como espaços de contenção e cuidados mínimos para evitar a desolação de não ser ninguém para ninguém.

Termino con las palabras de Alizade (2008):

*" No es una mera aceptación Detrás del "no tener" aceptado placenteramente se descubre el "ser" desalienado de la impregnación desiderativa identificatoria masculina. El tiempo de afirmación y nuevas ecuaciones: vacío pleno- interioridad fértil-virtualidad-sangres de vida".*

**Bibliografía:**

Irigaray L.2009 *Ese sexo que no es uno* , Madrid, España, Akal.

Alizade, M. 2008 *La sensualidad femenina* , Buenos Aires, Argentina, Amorroutu.

Viñar, M. (2019) *La mujer en el siglo XXI* citado en *Violencias y Subjetividad* ,Buenos Aires, Argentina, Letra Viva.